

ANDRÉ
WILMS

KATI
OUTINEN

JEAN-PIERRE
DARROUSSIN

BLONDIN
MIGUEL

LE HAVRE

Um Filme de AKI KAURISMÄKI

CANNES 2011
PRÊMIO DA CRÍTICA

PRÊMIO
LOUIS DELLUC



ELINA
SALO

EVELYNE
DIDI

QUOC-DUNG
NGUYEN

LAIKA

FRANÇOIS
MONNIÉ

PIERRE
ÉTAIX

LITTLE
BOB

JEAN-PIERRE
LÉAUD

Director de Fotografia TIMO SALMINEN Som TERO MALMBERG Décors WOUTER ZOOM Guarda-roupa FRED CAMBIER Maquillagem VALÉRIE THÉRY-HAMEL
Montagem TIMO LINNASALO Produzido por AKI KAURISMÄKI, FABIENNE VONIER e REINHARD BRUNDIG Assistente de Realização GILLES CHARMANT Argumento e Realização AKI KAURISMÄKI

Produção SPUTNIK OY, PYRAMIDE PRODUCTIONS, PANDORA FILM Em co-produção com ARTE FRANCE CINÉMA, ZDF/ARTE Com a participação de THE FINNISH FILM FOUNDATION, CANAL+, NORDISK FILM & TV FOND, CENTRE DU CINÉMA ET DE L'IMAGE ANIMÉE, YLE COPRODUCTIONS, CINÉCINÉMA, ARTE FRANCE, RÉGION HAUTE-NORMANDIE Vendas Internacionais THE MATCH FACTORY GmbH Distribuição MIDAS FILMES

MEDIA



SINOPSE

Marcel Marx, um antigo escritor e conhecido boémio, retirou-se para um exílio voluntário na cidade portuária de Le Havre, onde se sente mais próximo das pessoas ao servi-las na nobre, mas pouco lucrativa, profissão de engraxador de sapatos. Enterrou os sonhos de um interregno literário e vive feliz no triângulo formado pelo seu bar favorito, o seu trabalho e a sua mulher Arletty, quando o destino subitamente coloca no seu caminho um jovem refugiado africano, menor de idade. Como Arletty adoece gravemente na mesma altura e fica de cama, Marcel terá mais uma vez de se erguer contra a fria barreira da indiferença humana com a única arma de que dispõe: o seu optimismo inato e a constante solidariedade dos vizinhos, mas contra ele tem a máquina cega do aparelho do estado, aqui representada pelo cerco policial que pouco a pouco se vai fechando em volta do jovem refugiado.

É tempo para Marcel polir os sapatos e arreganhar os dentes.

SPUTNIK/PYRAMIDE PRODUCTIONS/PANDORA FILM apresentam
ANDRÉ WILMS * **KATI OUTINEN** * **JEAN-PIERRE DARROUSSIN** * **BLONDIN MIGUEL**
ELINA SALO * **EVELYNE DIDI** * **QUOC-DUNG NGUYEN** * **LAIKA**
FRANÇOIS MONNIÉ * **PIERRE ÉTAIX** * **LITTLE BOB** * **JEAN-PIERRE LÉAUD**
Director de Fotografia **TIMO SALMINEM** Som **TERO MALMBERG** Décors **WOUTER ZOOM**
Guarda-roupa **FRED CAMBIER** Maquilhagem **VALÉRIE THÉRY-HAMEL**
Montagem **TIMO LINNASALO** Produzido por **AKI KAURISMÄKI**, **FABIENNE VONIER** e **REINHARD BRUNDIG**
Assistente de Realização **GILLES CHARMANT** Argumento e Realização **AKI KAURISMÄKI**
Produção **SPUTNIK OY**, **PYRAMIDE PRODUCTIONS**, **PANDORA FILM** Em co-produção com **ARTE FRANCE**
CINÉMA, **ZDF/ARTE** Com a participação de **THE FINNISH FILM FOUNDATION**, **CANAL+**, **NORDISK FILM & TV**
FOND, **CENTRE DU CINÉMA ET DE L'IMAGE ANIMÉE**, **YLE COPRODUCTIONS**, **CINÉCINÉMA**, **ARTE France**, **RÉGION**
HAUTE-NORMANDIE
Vendas internacionais **THE MATCH FACTORY GmbH** Distribuição **MIDAS FILMES**



CRÍTICAS

O grande cineasta finlandês chegou finalmente a um estado de depuração notável: Marcel Marx (André Wilms), o engraxador de sapatos de Le Havre, terá no filme um milagre à sua espera e foi uma das figuras deste festival.

Francisco Ferreira

Mostrou um grande filme que deixou o festival aos seus pés.

Francisco Ferreira

O cinema de Aki Kaurismäki é uma máscara de optimismo que nos avisa que o mundo não é como nos filmes. Mas teremos sempre os filmes

Há 20 anos, Aki lembra-se, ainda se podia fumar numa sala de conferência de imprensa do Festival de Cannes. Hoje já não, e foi precisa uma pantomima digna de Chaplin para lhe tirar o cigarro da boca. Acendeu um, tirou outro... "Os tempos mudaram, eu é que continuo na mesma." Por isso é que Le Havre é um porto de abrigo, porque há coisas que não mudam nos filmes do cineasta finlandês: aquele fingimento de optimismo e de happy end quando a coisa está negra, a autoparódia como consolo (e aviso: tudo isto só existe em cinema), os silêncios e as cores garridas em cenários de outro tempo já que o passado é o local favorito de Aki Kaurismäki e a sua câmara de filmar, que é de 1974 e pertenceu a Ingmar Bergman, "não gosta de arquitectura moderna".

Por isso teve de procurar muito em Le Havre, passar para lá da zona moderna da cidade da Normandia que foi bombardeada na II Guerra Mundial, e descobrir ruelas e recantos do passado que pudessem ser suficientemente artificiais como uma reconstituição em estúdio. Coisa pouca, umas porcarias, como diria um dos actores do filme, Jean-Pierre Darrossin, mas com elas Kaurismäki faz todo um mundo; o que faz dele o oposto de um político, que com o mundo só faz porcarias (ainda Darrossin). Uma questão de moral, portanto. Com realismo poético francês dos anos 30, René Clair e Carné, e ainda, e como sempre, o burlesco de Tati, e o marxismo, mais de Karl do que o dos irmãos, e estamos servidos.

André Wilms, que aqui se chama Marcel Marx, interpreta um homem com os olhos tristes da derrota mas um optimismo de outro mundo. Que, como todas as personagens do realizador, usa como uma máscara de dignidade. Deixou a vida de boémia (e Wilms fez para Aki, em 1992, La Vie de Bohème), os seus sonhos, arrumou os sapatos e remeteu-se aos sapatos dos outros. Ganha (mal) a vida como engraxador. A mulher, Arlety (que outro nome poderia ter Kati Outinen nas brumas de uma cidade portuária?), adoece, um cancro. No momento em que em Le Havre desembarca um miúdo, refugiado africano, que quer chegar a Londres.

Aki diz que não tem respostas para a "crise financeira, política e sobretudo moral que originou a sempre por resolver questão dos refugiados" na Europa. Le Havre não é filme de respostas e é seco como um carapau se se procura discussão de "tema do dia". Mas fala-nos de outras maneiras e por todos os lados, apesar de ser quase sempre mudo, e sempre para nos dizer que o mundo é feito ao contrário daquilo que o filme mostra, com os silêncios, com as cores e com os cenários e não só com os (poucos) diálogos dos actores. Que falam em francês, língua que Aki Kaurismäki não domina, mas isso nunca foi problema. Como Aki disse em português (tem casa e passa parte do ano num canto esquerdo da Europa): "Em Portugal costumamos dizer: "Posso ser burro, mas não sou estúpido.""

Em Cannes por estes dias são todos Aki. Le Havre foi um dos filmes mais aplaudidos do concurso.

Vasco Câmara

Le Havre, uma história de personagens errantes e erráticas, resgatadas por uma ironia com tanto de cruel como de carinhoso.

João Lopes